

UMA BREVE NARRATIVA SOBRE O HUMANISMO

UNA BREVE NARRATIVA SOBRE EL HUMANISMO

Elton Vitoriano Ribeiro*

RESUMO

A ideia de Humanismo tornou-se fundamental para a autocompreensão do ser humano ao longo da história da humanidade. Enfrentando as vicissitudes históricas que toda ideia complexa enfrenta, o humanismo, para ser bem interpretado, precisa ser compreendido a partir de suas fontes e do imaginário social que essa corrente de pensamento engendrou. Assim, compreendido como uma corrente filosófica em que a natureza humana possui um lugar central, o ser humano foi interpretado como sendo o lugar hermenêutico a partir do qual toda interpretação se torna possível. Este artigo apresenta uma breve narrativa sobre o Humanismo e sua importância para a sociedade contemporânea na discussão de temas clássicos, reinterpretados a partir dos desafios atuais. Primeiramente, propondo uma possível narrativa histórica sobre as fontes do Humanismo. Depois, apresentando alguns autores que apontam para possibilidades de reinterpretação do Humanismo na filosofia contemporânea. Para, finalmente, elencar alguns temas que são importantes na discussão sobre o presente e o futuro de um Humanismo renovado.

PALAVRAS-CHAVE: humanismo; MacIntyre; Taylor; Ricoeur; Lima Vaz.

RESUMEN

La idea de Humanismo se ha vuelto fundamental para la autocomprensión del ser humano a lo largo de la historia humana. Frente a las vicisitudes históricas que enfrenta toda idea compleja, el humanismo, para ser bien interpretado, necesita ser comprendido desde sus fuentes y desde el imaginario social que engendró esta corriente de pensamiento. Así, entendido como una corriente filosófica en la que la naturaleza humana ocupa un lugar central, el ser humano fue interpretado como el lugar hermenéutico desde el cual toda interpretación se hace posible. El artículo presenta una breve narrativa sobre el Humanismo y su importancia para la sociedad contemporánea en la discusión de temas clásicos, reinterpretados desde los desafíos actuales. Primero proponiendo una posible narrativa histórica sobre las fuentes del humanismo. Luego, presentamos algunos autores que apuntan posibilidades de reinterpetación del Humanismo en la filosofía contemporánea. Finalmente, enumerar algunos temas que son importantes en la discusión sobre el presente y el futuro de un Humanismo renovado.

PALABRAS-CLAVE: humanismo; MacIntyre; Taylor; Ricoeur; Lima Vaz.

* Doutor em Filosofia, PUG – Roma, 2010. Professor de filosofia FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia). E-mail: eltonvitoriano@gmail.com.

1 UMA BREVE NARRATIVA

A ideia de Humanismo tornou-se fundamental para a autocompreensão do ser humano ao longo da história da humanidade. Enfrentando as vicissitudes históricas que toda ideia complexa enfrenta, o humanismo, para ser bem interpretado, precisa ser compreendido a partir de suas fontes e do imaginário social que essa corrente de pensamento engendrou. Assim, compreendido como uma corrente filosófica em que a natureza humana possui um lugar central, o ser humano foi interpretado como sendo o lugar hermenêutico a partir do qual toda interpretação se torna possível. O resultado dessa centralidade nós o encontramos nas artes, na arquitetura, na literatura, nas ciências, na medicina, na política, no direito, na filosofia etc. (CACCIARI, 2019).

O Humanismo nasce como movimento filosófico, científico, artístico e literário na Itália do século XIV, atingindo o máximo de seu esplendor no século XV com o crescimento das escolas urbanas e das academias eruditas do Renascimento italiano. O humanismo clássico que conhecemos hoje é fruto dessa situação epocal. Especialmente, fruto do Renascimento italiano, quando ganha força e cidadania, e deixa um legado que é admirado e estudado, e ainda fecunda a criatividade de muitos pensadores e artistas.

No entanto, do ponto de vista filosófico, é importante perguntar-se pelas ideias que geraram esse movimento para compreendermos como foi possível que algo tão transformador acontecesse. Assim, nesta empreita, seguiremos a leitura de Lima Vaz em *Humanismo hoje: tradição e missão* (2001), que aponta três fontes: a tradição grega, a tradição latina e a tradição bíblico-cristã. Cada uma dessas fontes apresenta um manancial de ideias e práticas que, juntas, formam uma espécie de círculo hermenêutico virtuoso que moldou o imaginário social do Ocidente por muitos anos. Um círculo hermenêutico virtuoso que, tendo o ser humano no centro, buscou incansavelmente a sua autorrealização no mundo histórico, com os outros, mas aberto ao absoluto.

A primeira fonte é a tradição grega. Fruto maduro da filosofia grega, especialmente com Platão e Aristóteles, essa tradição aportou ideias importantes para o humanismo. A primeira ideia é a da interioridade humana compreendida como alma (*psyché*). A ideia de que o ser humano é dotado de uma alma, de uma interioridade que se expressa na razão e na vontade é fundamental para a compreensão do ser humano como superior aos outros seres e dotado de uma grandeza que o permite, escapando das garras do destino, agir livremente.

A segunda ideia, na esteira da primeira, é a de um agir racional que pode, por definição, ser um agir livre. É apenas agindo racionalmente que o ser humano poderá caminhar na direção da sua autorrealização no bem, no belo e no justo. Evidentemente, para os gregos, esse agir acontece em um determinado contexto, com seus costumes e suas normas, que eles chamavam de *ethos* e que será importante na construção da *pólis grega*. Assim nascem a ética e a política grega.

A terceira ideia vem da intuição fundamental de que toda realidade está ordenada por uma realidade que a transcende. O mundo das ideias, ou mundo inteligível, funda e sustenta a realidade na qual estamos inseridos e se apresenta como fundamento último de todo real.

A quarta ideia é a de natureza humana. O ser humano possui uma natureza que é racional e social, e que será burilada pelas virtudes em direção à sua realização, em direção a um fim (*télos*) que será a *eudaimonia* (felicidade, ou melhor, autorrealização). Portanto, do pensamento grego o humanismo herda as ideias fundadoras da nossa autocompreensão como seres dotados de uma interioridade, seres racionais, seres sociais, que se realizam numa determinada cidade, mas que estão abertos a algo que os transcende e dá sentido à existência humana.

A segunda fonte é a tradição romana. A herança grega é absorvida e transformada pelo Império Romano. Pela primeira vez encontramos o termo *Humanitas* para designar o gênero humano em seu processo de autorrealização. Aqui é valorizada, especialmente, a educação como processo de crescimento humano, daí o surgimento de um projeto educativo que recebeu o nome de *Studia Humanitatis*. Por meio da gramática, da retórica, da lógica, da aritmética, da música, da geometria, da astronomia, da literatura e da medicina, e de forma particular do direto romano, surge um projeto educativo que formou a compreensão ocidental de humanidades. Vale ressaltar o latim e o direto romano como herança fundamental desse período.

A terceira fonte é a tradição bíblico-cristã. O surgimento do cristianismo no coração do império romano causou, paulatinamente, uma grande transformação social. Para compreender tal transformação, duas ideias são fundamentais. Primeiro, a interpretação do ser humano como imagem e semelhança de Deus e, assim, como dotado de razão e liberdade. Essa ideia dá ao ser humano uma dignidade fundamental e inédita na história da humanidade. Na esteira dessa ideia, a compreensão do ser humano como um ser ordenado radicalmente ao absoluto dá uma destinação grandiosa a cada vida humana. Nas palavras de Lima Vaz:

A verdadeira estrutura metafísica do ser humano, base filosófica do humanismo, define-se neste espaço ontológico em que ele se abre, pela Razão e pela Liberdade, à universalidade do *Ser* enquanto tal, coroada pela afirmação de Deus como Existente

absoluto. O ser humano existe, então, em toda a verdade de sua essência, como *capax entis*, capaz de acolher o ser na sua universalidade, e *capax dei*, ordenado ontologicamente ao absoluto. (LIMA VAZ, 2001, p. 163).

As três tradições anteriores, bem resumidamente aqui apresentadas, apontam para as fontes do pensamento humanista. Pensamento que marcou, e marca, profundamente a cultura ocidental em sua forma de pensar, de agir e de viver. Portanto, três caminhos são importantes de serem recolhidos aqui na forma de um resumo. A ideia de totalidade do ser humano como um ser dotado de corpo e alma, destinado a viver no mundo e a transformar o mundo a partir de suas necessidades e seus desejos. A ideia de que o ser humano vive no tempo, na história, mas é radicalmente aberto àquilo que o transcende e dá sentido à sua existência, o absoluto. A ideia de que a natureza humana é transformada a partir de valores excelentes, as virtudes, que encarnam o bem, o belo e o justo, e que conduzem a vida humana na direção da autorrealização. Novamente aqui, vale lembrar, que o Renascimento italiano encarnou esse ideal humanista, e levou suas fontes à mais alta realização. Ideal tão grandioso que ainda hoje admiramos e que é fonte de inspiração, especialmente artística, para a humanidade.

Com a modernidade, todo esse ideal humanista sofre um abalo. Toda uma série de grandes transformações, especialmente no mundo das ciências, no mundo técnico e na política, questiona e desconfia dessa herança humanista. Novos caminhos surgirão, utilizando o termo humanismo, mas criticando a herança renascentista, ao ponto do surgimento de um espírito anti-humanista no final da década de setenta. Semelhante perspectiva é assim expressa nas palavras de Lima Vaz (2001, p. 159): “o humanismo ateu de filiação marxista, o humanismo científico de tradição positivista, o humanismo pragmatista americano, o humanismo evolucionista de Julian Huxley, o humanismo existencialista de Jean-Paul Sartre”. Uma nova história, herdeira da anterior, mas ao mesmo tempo crítica, começa. Daí a pergunta: um novo humanismo é possível hoje?

2 POSSIBILIDADES FILOSÓFICAS PARA PENSAR O HUMANISMO HOJE

Toda a imensa discussão sobre as possibilidades de um novo humanismo, especialmente sobre o caráter pragmático dessa pergunta, podemos encontrar brilhantemente apresentada no livro *O novo humanismo: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco*. Nesse livro escrevi um capítulo, que tenta discutir essa questão a partir da filosofia clássica e do pensamento do Papa Francisco, intitulado “Habitar humanamente na esperança”

(RIBEIRO, 2022). Aqui neste texto seguirei outro caminho. Pretendo apontar alguns textos estritamente filosóficos que podem ser fonte de inspiração, reflexão e questionamentos sobre a possibilidade reflexiva de pensar o humanismo filosófico hoje. Para tal proposta, comentarei brevemente quatro trabalhos de antropologia filosófica contemporânea. Esses trabalhos, na minha interpretação, são fontes fecundas para um humanismo que dialogue com as críticas contemporâneas e que tenha propostas filosóficas robustas para pensá-lo. Passo, agora, a apresentar esses trabalhos.

Charles Taylor e *As fontes do self: a construção da identidade moderna* (1997): nesse importante trabalho, Taylor se propõe a narrar a história da construção da identidade moderna (*self*) na civilização ocidental. A articulação e a elaboração do conceito de *self* iniciam-se com a construção narrativa da gênese do conceito de identidade moderna numa dupla perspectiva, histórica e sistemática. Esse método, provavelmente herança hegeliana, tem o objetivo de ser uma busca da autocompreensão do sujeito moderno. Nessa interpretação, as fontes da identidade moderna moldam toda a nossa compreensão filosófica da epistemologia, da ética, da política e da linguagem, ou seja, dos principais campos de reflexão das filosofias contemporâneas.

A estrutura do livro aponta para o resgate da compreensão da identidade já presente num trabalho anterior de Taylor sobre Hegel. Nesse trabalho, nosso autor propõe uma ontologia de enraizamento do indivíduo em um horizonte ético metaindividual, do qual dependem as ideias e os significados, e é pré-condição para o desenvolvimento da individualidade. Nas palavras do Taylor (2014, p. 415):

Quando concebemos um ser humano, não estamos nos referindo simplesmente a um organismo vivo, mas um ser capaz de pensar, sentir, decidir, emocionar-se, responder, estabelecer relações com outros; e tudo isso implica uma linguagem, um conjunto de maneiras relacionadas de experimentar o mundo, de interpretar seus sentimentos, de pensar a sua relação com outros, com o passado, com o futuro, com o absoluto e assim por diante. É o modo particular como ele situa a si mesmo dentro deste mundo cultural que chamamos de sua identidade. Ora, a linguagem e o conjunto relacionado de distinções subjacentes à experiência e à interpretação, contudo, é algo que só pode crescer e ser sustentado por uma comunidade. Neste sentido, o que somos como seres humanos, somos apenas numa comunidade cultural.

A citação anterior apresenta o pano de fundo a partir do qual Taylor articulará as *Fontes do self* em três direções: os sentidos da interioridade humana, a afirmação da vida cotidiana e a expressividade da natureza como fonte moral interior. Nesse esforço filosófico, Taylor compreenderá o ser humano como um ser agente dotado de interioridade, liberdade e

individualidade. Taylor faz algumas opções filosóficas. Ele rejeita as tendências modernas do naturalismo e cientificismo. Também argumenta contra a dominação positivista da filosofia analítica, resgatando o viés hermenêutico do filosofar. Finalmente, ele constrói uma interpretação que explicita nossa experiência como agentes morais, especialmente na relação da identidade com o bem. Tais opções são importantes para, compreendendo o lugar do bem na nossa vida moral, investigar as demandas contemporâneas por justiça e beneficência, investigar nosso esforço por evitar a morte e o sofrimento, e investigar nossas reivindicações por liberdade e autogoverno.

Paul Ricoeur e *O si-mesmo como outro* (2014): nesse trabalho, Ricoeur interpretará a questão da identidade humana, resgatando a reflexão sobre o sentido e o destino contemporâneo das filosofias do sujeito. A questão da identidade para Ricoeur passa por algumas questões fundamentais que apontam para uma hermenêutica do si-mesmo que implica a alteridade num grau tão íntimo que uma não pode ser pensada sem a outra, uma está entranhada na outra. Nesse percurso de autocompreensão, o sujeito é influenciado pela sua cultura, pelas suas relações e pela sua história. O sujeito só descobre a si-mesmo após um longo percurso de mediações na quais sofre transformações significativas.

Assim, o sujeito pensante e reflexivo é marcado, profundamente, pelo desejo de ser e pelo esforço de existir. Desejo e esforço que constituem a tessitura da própria condição humana no mundo. Por isso mesmo, para Ricoeur (2014, p. 194):

O aparecimento da palavra *vida* merece reflexão. Ela não é tomada em sentido puramente biológico, mas no sentido ético-cultural, bem conhecido dos gregos, quando comparavam os respectivos méritos dos *bios* oferecidos à escolha mais radical: vida de prazer, vida ativa no sentido político, vida contemplativa. A palavra *vida* designa o homem inteiro em oposição às práticas fragmentadas.

No percurso de construção da hermenêutica do si-mesmo, o filósofo reconstrói a reflexão a partir da filosofia da linguagem, da filosofia da ação e da ética, moral e política; para chegar a compreender-se diante da existência humana no mundo histórico. Então, para Ricoeur, hermenêutica será interpretar a vida diante do espelho do texto. Nesse interpretar, o sujeito se descobre um ser frágil e falível, mas capaz de agir, de falar, de narrar, de prometer, de sonhar, de amar, de perdoar, de decidir, de reconhecer, de tolerar, em uma palavra, de interpretar a si-mesmo diante da vida, com os outros, em instituições justas, no mundo histórico e radicalmente aberto ao mistério do existir.

Henrique Cláudio de Lima Vaz e a *Antropologia filosófica* (1991): considerado um dos maiores trabalhos de Lima Vaz, a *Antropologia filosófica* parte da pergunta fundamental: o que é o humano? Como tarefa, nosso autor buscará compreender o humano a partir das relações entre natureza e cultura, buscando as estruturas fundamentais do ser humano e suas relações. Toda a antropologia de Lima Vaz é uma ontologia do humano que se propõe a elaborar uma ideia do ser humano a partir das ciências modernas e da tradição filosófica. Portanto, a tarefa filosófica será a de expressar o processo de autoconstituição do ser humano como sujeito de estruturas e relações num todo sistemático. Compreender o ser humano como um organismo vivo, à maneira dos sistemas abertos, é compreendê-lo como pessoa. Para Lima Vaz (1992, p. 239), “a pessoa é uma tensão e um florescimento, um ir e vir, um modelar-se de acordo com e um afirmar-se em, um efeito e uma originalidade, um exemplado e um exemplar, é acabada, mas está sempre por fazer-se”.

Herdeiro do personalismo humanista cristão, Lima Vaz interpretará o ser humano como subsistência e manifestação. Seu método pretende ser abrangente. Partindo da experiência natural presente na pré-compreensão, buscará nas ciências a compreensão explicativa do ser humano para, finalmente, chegar às estruturas do humano a partir da compreensão filosófica. As estruturas do ser humano são interpretadas a partir de um esquema triádico: Estruturas – Relações – Realização. As categorias de estrutura do ser humano, do seu ser-em-si, são: Corpo (*sôma*) – Alma: Razão e Vontade (*psychê*) – Espírito (*pneuma*). Mas o ser humano não é apenas estrutura, é também relações. As categorias de relação, que constituem nosso ser-com-os-outros e nossa linguagem são: Relação de Objetividade, de Intersubjetividade e de Transcendência. Finalmente, Estruturas e Relações se relacionam dialeticamente em vista da Realização do ser humano com Pessoa. Dotado de uma abertura radical, a Pessoa encontra-se, para Lima Vaz, entre o Tempo e a Eternidade.

Alasdair MacIntyre e *Animais racionais dependentes*: por que os seres humanos precisam das virtudes? (1999): para MacIntyre, o ser humano que encontramos nos livros de filosofia moral é sempre um adulto, racional, autônomo, independente e livre. Senhor de si mesmo; ele, raramente, é visto como frágil e necessitado dos outros. Ora, essas características chamaram a atenção de MacIntyre ao estudar as virtudes e as tradições que valorizam as virtudes como fonte de crescimento humano. A partir de uma oração de Santo Tomás de Aquino que valoriza a nossa dependência (“Peço a Deus que me conceda a possibilidade de compartilhar o que tenho, felizmente, com aqueles que necessitam, e a possibilidade de pedir, humildemente, aquilo de que necessito a quem me puder ajudar.”), MacIntyre (1999, p. XI) tem

a intuição de escrever sua antropologia intitulada *Animais racionais dependentes* porque “os seres humanos são vulneráveis a uma grande quantidade de aflições diversas, e a maioria padece de alguma enfermidade grave em um ou outro momento de sua vida” (MACINTYRE, 1999, p. 1).

MacIntyre percebe, em suas reflexões, que a história da filosofia moral ocidental raramente faz referências às questões da vulnerabilidade e do sofrimento humano. A única exceção é a atual reflexão proveniente das filosofias feministas (STONE, 2019). Normalmente, o ser humano é essencialmente um animal racional e político. Mas o humano é vulnerável e, no curso de sua vida, enfrenta muitas situações de aflição e incapacidade, temporárias ou permanentes. MacIntyre apresenta a si mesmo uma tarefa propositiva neste livro, a de resgatar a nossa animalidade, nossa dependência e nossa vulnerabilidade; mas, também, nosso autoconhecimento, nossa capacidade de florescimento humano, bem como nossa compreensão dos bens e do Bem.

Nesse caminho de florescimento humano, aprendemos, paulatinamente, a ser um raciocinador prático autônomo, que aprende a sustentar suas relações pessoais, aprende a colaborar com os outros e aprende a compartilhar interpretações do passado, compreensões do presente e possibilidades futuras. Ou seja, aprende, socialmente, a tornar-se um animal racional social que constrói em sua vida uma rede de relações de reciprocidades, em que o dar e o receber são fundamentais. Essas redes de relações acontecem numa cultura determinada, dentro de uma tradição de pensamento, encarnada num contexto social, lugar de relações básicas de reciprocidade e relações hierárquicas de poder. Fundamental nesse processo é a virtude da dependência reconhecida.

Nessa interpretação, o florescimento humano, feito de conhecimento e imaginação, nos conduz ao autoconhecimento, a amizade e a empatia sociais dentro de uma tradição determinada. Tradição essa que possui bens comuns como direcionadores de nossas ações virtuosas, e que propicia o contexto social em que desenvolveremos nossas relações sociais em seus diversos níveis, por meio da linguagem, e sempre inserida em formas de práticas sociais. No entanto, nosso florescimento sempre se dará a partir de nossa condição animal, corporificada, situada, dependente e vulnerável. Isso não é uma limitação, mas o ponto de partida de nossa existência humana no mundo histórico.

Portanto, esses quatro trabalhos comentados ajudam a entrar no pensamento de quatro filósofos contemporâneos que, na inteireza de seus pensamentos, podem proporcionar fontes seguras para um humanismo renovado, contemporâneo e atento à história da cultura ocidental.

3 PRESENTE E FUTURO DO HUMANISMO RENOVADO

A partir da abordagem filosófica aqui apresentada na forma de uma possível narrativa filosófica, olhei, brevemente, num primeiro momento, para as fontes do humanismo. Depois, não entrando na questão complexa da crítica moderna ao humanismo, apresentei algumas obras filosóficas contemporâneas que, na minha opinião, podem engendrar reflexões e ações para um humanismo renovado. Cabe agora, brevemente, apontar temas importantes para a reflexão sistemática e abrangente que um novo humanismo, ou um humanismo renovado, deve, necessariamente, levar em conta.

Não pretendo desenvolver esses temas, mas apresentá-los na forma esquemática e propositiva de um sistema aberto, coerente em si mesmo, aberto aos diálogos atuais e atento à pergunta pelo sentido último e radical da existência humana. Assim, um Humanismo que queira dialogar deve ter, esquematicamente, os seguintes temas: (1) Humanos: Diversidade, Capacidades e Florescimento; (2) Sociedade: Desigualdade, Tecnociência e Ecologia; (3) Existência Humana: Linguagem e Transcendência.

O primeiro momento é a reflexão sobre o ser humano. A herança que recebemos do humanismo mais as propostas atuais apresentadas nos dão uma compreensão abrangente e bem estruturada sobre o ser humano. Na atual discussão, alguns temas podem enriquecer muito a autocompreensão que os humanos possuem de si mesmos. Os temas atuais giram em torno de uma correta interpretação da diversidade humana em todos os seus aspectos. Compreender a diversidade não como algo negativo, mas como algo enriquecedor é um desafio muito grande. A tentação de reduzir tudo ao igual para melhor dominar faz parte da história humana. O etnocentrismo, infelizmente, ainda marca nossa interpretação do diferente e das diferenças (TAYLOR, 2002).

Na diversidade, a possibilidade de desenvolver as capacidades e as potencialidades humanas, especialmente, pela educação, é fundamental na formação humana, e na formação das sociedades (NUSSBAUM, 2013). Sociedades acolhedoras, respeitadoras das diversidades e promotoras das potencialidades e capacidades são sociedades nas quais o florescimento humano, a partir das virtudes e na busca do bem comum, faz parte da humanização do humano. A vida humana acontece em práticas sociais, dentro de comunidades e tradições, e numa narrativa que, gerando processos relacionais, é fonte de florescimento e realização humana (MACINTYRE, 1999).

Mas o ser humano é um animal social. Logo, a sociedade é fundamental num discurso humanista. As sociedades contemporâneas apresentam um importante desafio no enfrentamento da desigualdade social que oprime e mata tantas pessoas. A pobreza, a fome, a falta de educação, saúde e moradia, por exemplo, são frutos de sociedades altamente injustas. Diante disso, podem as sociedades capitalistas ter soluções de humanização para esses males? Que forma de governo e que estrutura econômica e social podem fazer frente à desigualdade? (GASDA, 2013).

Falar de sociedades hoje é falar de contextos em que a tecnociência forma o imaginário social e aponta a maioria das soluções aos problemas humanos. O surgimento do universo virtual da internet, as relações e estruturas sociais daí decorrentes, os novos imaginários que vão se formando, os desafios bioéticos na criação, manutenção e encerramento da vida humana tendem a crescer muito em seus questionamentos (RIBEIRO, 2019).

Fruto dos dois aspectos anteriores, temos uma sociedade altamente tocada na dimensão mais fundamental de sua estrutura, a dimensão ecológica. A preocupação pela ecologia, agora na dimensão de justiça socioambiental é importante. A preocupação com nossa Casa Comum, nosso planeta, por tanto tempo esquecida, agora é emergente. Uma sociedade que não tenha uma compreensão ecologicamente sustentável de seu papel enquanto cuidado está fadada ao fracasso (RIBEIRO, 2020).

Os pontos acima elencados acerca de uma necessária autorreflexão da sociedade são importantes para ações concretas em políticas públicas, ações não governamentais e formas de estruturar a economia e a sociedade. Tudo isso, em prol de um mundo que seja a melhor versão possível no momento, mas que aponte para um futuro responsavelmente melhor, em que o bem comum seja fonte de discussão e realização concreta.

Finalmente, todo humanismo está atento à existência humana, mas deve, também, estar atento ao sentido que a existência desvela, narrativamente, ao longo da história. Por isso, a pergunta pela linguagem, seu uso e seu sentido, é necessária como porta de acesso privilegiado dos humanos ao problema do sentido:

Descobrir o *sentido* na floresta dos *sentidos* possíveis é, pois, a tarefa por excelência do ser humano enquanto portador do *logos*, pois é a ele, aberto constitutivamente ao *ser* e à *verdade*, é oferecido o supremo risco de enunciar o *sentido* verdadeiro e, assim, de interpretar as razões do *ser* em razões do seu próprio *viver*. (LIMA VAZ, 1997, p. 167, grifos do autor).

Atento ao problema do sentido, um humanismo novo, ou renovado, deve se perguntar pela questão da transcendência, especialmente presente nas religiões, e da possibilidade de um itinerário para o Absoluto. Ou, nas palavras de Lima Vaz (2002, p. 286, grifos do autor):

Retomar, em novo estilo teórico, o exercício de uma *memória metafísica* que reencontre o *ser* através da densa rede de *objetos* científicos-técnicos que nos envolve sempre mais, essa é a tarefa maior que se apresentará à filosofia se ela, como acreditamos, sobreviver na nova civilização que se anuncia.

REFERÊNCIAS

- CACCIARI, M. **La mente inquieta**: saggio sull'humanesimo. Torino: Einaudi, 2019.
- GASDA, E. **Trabalho e capitalismo**: a atualidade da Doutrina Social da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2013.
- LIMA VAZ, H.C. **Antropologia filosófica 1**. São Paulo: Loyola, 1991.
- LIMA VAZ, H.C. **Antropologia filosófica 2**. São Paulo: Loyola, 1992.
- LIMA VAZ, H.C. **Escritos de filosofia III**. Filosofia e cultura. São Paulo: Loyola, 1997.
- LIMA VAZ, H.C. Humanismo hoje: tradição e missão. **Síntese**, Belo Horizonte, v. 28, n. 91, 2001. p. 157-168.
- LIMA VAZ, H.C. **Escritos de filosofia VII**. Raízes da modernidade. São Paulo: Loyola, 2002.
- MACINTYRE, A. **Dependent rational animals**: why human beings need the virtues. Chicago: Open Court, 1999.
- NUSSBAUM, M. **Fronteiras da justiça**: deficiência, nacionalidade, pertencimento à espécie. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- RIBEIRO, E. Filosofia, tecnociência e ética. In: MURAD, A.; REIS, E.V.B.; ROCHA, M. (org.). **Tecnociência e ecologia**: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2019. p. 101-111.
- RIBEIRO, E. Fundamentos Filosóficos da Justiça Socioambiental. In: MURAD, A.; REIS, E.V.B.; ROCHA, M. (org.). **Direitos humanos e justiça socioambiental**: múltiplos olhares. São Paulo: Paulinas, 2020. p. 11-19.
- RIBEIRO, E. Being born: birthand philosophy. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião da PUC Minas**, Belo Horizonte, 2020 (Resenha), v. 18, n. 57. p. 1427-1433.

RIBEIRO, E. Habitar humanamente na esperança. *In*: MOL GUIMARÃES; SÁVIO; ALVEZ; PEZIM (org.). **O novo humanismo**: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco. São Paulo: Paulus, 2022. p. 73-102.

RICOEUR, P. **O si-mesmo como outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

STONE, A. **Being born**: birth and philosophy. Oxford: Oxford University Press, 2019.

TAYLOR, C. **As fontes do self**: a construção da identidade moderna. São Paulo: Loyola, 1997.

TAYLOR, C. **Hegel**: sistema, método e estrutura. São Paulo: É Realizações, 2014.

TAYLOR, C. A distorção objetiva das culturas. **Folha de São Paulo**, Caderno MAIS, 11 ago. 2002.